

# MITRA QUER EXPULSAR FAMÍLIAS DE TERRA DA IGREJA

Texto: Antonio Alexandre Garcia • Fotos: Fernando Santos

**A** Mitra Arquidiocesana está tentando expulsar 13 famílias que ocuparam uma área da Igreja situada na avenida dos Funcionários Públicos, junto ao km 12 da Estrada do M' Boi Mirim. É uma tribo de indígenas guaranis, que há 15 anos vive na mesma gleba, também está sendo ameaçada para abandonar o local.

Segundo os ocupantes, que entraram na área no dia 16 de janeiro deste ano, a idéia é dividir a gleba, de dois alqueires, em 150 lotes com 200 metros quadrados cada um, "para que as pessoas sem recursos, que não podem pagar alugueis ou comprar uma casa, construam aqui sua moradia".

Nos dois alqueires da Igreja já ocupados (a área total da Mitra Arquidiocesana nesse

local é de 13 alqueires) os lotes foram precariamente demarcados e já distribuídos à população carente através do Movimento de Luta pela Moradia. Até agora, 13 famílias se arriscaram a mudar para o local, onde vivem em dez casas de madeira e três de alvenaria.

Trabalhando em sistema de mutirão, os ocupantes limpam uma grande parte da gleba, cavaram um poço para o abastecimento de água às casas e agora pretendem pedir ao prefeito da Capital que for indicado pelo governador Franco Montoro "para que sejam cumpridas as promessas feitas pelo PMDB durante a campanha eleitoral. Precisamos de serviços de eletricidade e arruamento para que possamos viver dignamente. Somos pobres e o governador prometeu ajudar os pobres", dizem os moradores.



As famílias constroem as casas em regime de mutirão, umas de barro, outras de alvenaria, algumas estão prontas

## Ocupante lembra da campanha



Genésio de Oliveira, um dos ocupantes, teme a excomunhão

"Fraternidade sim, violência não é o que prega a Campanha da Fraternidade promovida este ano pela Igreja. E essa justiça tem que começar dentro da própria Igreja. Eu sou católico mas acho que é um dever da Igreja a distribuição de suas terras para que os pobres e injustiçados, que não têm onde viver, possam aí construir suas moradias. Eu ajudei na ocupação desta área e espero não ser excomungado por causa disso."

A afirmação é de Genésio de Oliveira Silva, um dos primeiros a ocupar a área da Mitra Arquidiocesana na Estrada dos Funcionários. Casado, pai de dois filhos, apesar de seus 24 anos já enfrentou muitas situações difíceis na vida. Nos últimos anos ele já morou em diferentes barracos em favelas da Capital. "Agora cansei — diz ele — e pretendo construir aqui minha casinha para criar meus filhos com dignidade."

Ele conta que já há algum tempo tem frequentado reuniões do Movimento de Luta pela Moradia, organizado na periferia de São Paulo junto a algumas paróquias. Trata-se do mesmo movimento que liderou a ocupação de terras no Parque Itupu e Parque Europa, e que culminou na expul-

são dos ocupantes dessas áreas pela polícia.

"Destá vez resolvemos ocupar terras da Igreja — ressalta Genésio — porque seria uma incoerência por parte dela utilizar meios violentos para a nossa expulsão da área. Afinal, a religião católica e a própria Bíblia defendem o direito de cada um de ter seu cantinho no mundo. Deus fez a terra para todos. E quero esclarecer que não sou comunista e nem estamos sendo assessorados por políticos. Aliás queremos provar que nós, os pobres, podemos resolver os nossos problemas sozinhos."

Genésio de Oliveira Silva diz também que logo depois que ele e outras famílias ocuparam a gleba de dois alqueires, a Arquidiocese de São Paulo convocou-os para uma reunião. "Nós conversamos com o Paulo Evaristo Arns e ele nos disse que permitiria que apenas 50 famílias se instalassem no local. Mas na área cabem 500, em lotes bons, de 200 metros quadrados. Não podemos resolver o problema de poucas famílias se o número dos desabrigados pertencentes ao movimento é muito maior", acrescentou o ocupante.

## Os índios denunciam pressões



Anízio diz que os índios não sairão e promete resistência

O índio guarani Anízio, filho do cacique Gumericino, chefe da pequena comunidade indígena que vive dentro da gleba do Instituto Rural, de propriedade da Mitra Arquidiocesana, diz que está muito zangado com a Igreja. "Primeiro Igreja traz índio para viver aqui, isso faz 15 anos. Agora Igreja quer expulsar índio, dizendo que terra não é dele. Estamos bravos, e isto ainda vai acabar em flechada", adverte o jovem guarani.

Anízio conta que ele e sua família moravam em uma tribo na Serra do Mar, perto de Parelheiros, e que em 1968 o padre José convidou alguns dos membros da tribo a viverem nessa gleba, onde eles seriam protegidos pela Igreja.

O indígena lembra que enquanto o padre José cuidou do Instituto Rural, a pequena comunidade guarani recebeu apoio da Igreja e pôde viver com dignidade. Depois da saída do padre, porém, os índios foram abandonados e atualmente são pressionados a saírem da área pelo padre Vítor Ribeiro.

Segundo os moradores da região, os índios ficaram tão bravos com o padre Vítor (que atualmente cuida do Instituto Rural) que durante vários meses impediram

a entrada do sacerdote no Instituto Genésio de Oliveira, um dos ocupantes dos dois alqueires da Mitra, conta que quando ele e as outras famílias chegaram na área, puderam testemunhar várias ações da comunidade guarani para impedir a entrada do padre Vítor no local.

Conta Genésio que foi depois que os novos ocupantes chegaram ao local e que intercederam amistosamente junto aos indígenas, é que o padre Vítor pode voltar a morar dentro do Instituto. "Por isso nós também estamos bravos com o padre — diz Genésio — pois ele é uma das pessoas que mais insiste na nossa expulsão. Se não fôssemos nós, que ele chama de "invasores", ele até hoje não estaria entrando nessas terras."

Segundo Genésio de Oliveira, os novos ocupantes da área da Mitra já conversaram com o cacique Gumericino para que todos lutem juntos para que a Igreja legalize a situação dos ocupantes da área. E o jovem guarani Anízio diz também que aceita conversar com a Igreja, desde que recebam garantias de que não vão ser expulsos da área. Daqui índio não sai", diz ele, que ameaça buscar ajuda do resto da tribo.

## Área da Mitra é de 13 alqueires

A área de dois alqueires ocupada no dia 16 de janeiro deste ano pertence a uma gleba maior, de 13 alqueires, doada por uma jovem da aristocracia paulista à Mitra Arquidiocesana, em 1915. Cercada por residências de alto padrão, a área total vale mais de 700 milhões de cruzeiros, de acordo com os preços da região.

Localizada a cerca de um quilômetro da Estrada do M' Boi Mirim, a gleba recebe o nome de Jardim Vera Cruz, ou Jardim do Instituto Rural, devido a um instituto organizado no local pela Igreja, mas que já há alguns anos foi desativado.

Segundo os moradores mais antigos, em 1972 o padre José Cesquivicius, de origem lituana, montou o Instituto Rural "Dom Agnelo Rossi", que na época ministrava aulas de marcenaria, apicultura e ensinava os moradores da região a cultivar melhor a terra ou tirar melhor proveito das criações. Mas nos últimos anos, depois que o padre José foi embora, por motivo de doença, o Instituto foi sendo desativado e, hoje, serve de moradia apenas ao padre Vítor Ribeiro Nickelsburg e a uma família de caseiros que cuida da área. Do Instituto restam apenas 1.500 metros da área construída abandonados e uma creche praticamente desativada. Mas os atuais ocupantes da parte da gleba da Igreja prometem "pôr em funcionamento tudo isso o mais rapidamente possível, para que o povo possa aproveitar racionalmente o local".

## Padre critica os invasores

"A Igreja luta pelo direito de moradia, pois, afinal, Deus criou tudo para todos. Mas tudo deve ser feito com justiça e ordem. Nós não defendemos invasões. A Igreja é contra a violência e, nesse caso, quem está sofrendo a violência é a Igreja". A afirmação é do padre Vítor Ribeiro Nickelsburg, o sacerdote que cuida dos 13 alqueires da Mitra onde está localizado o Instituto Rural.

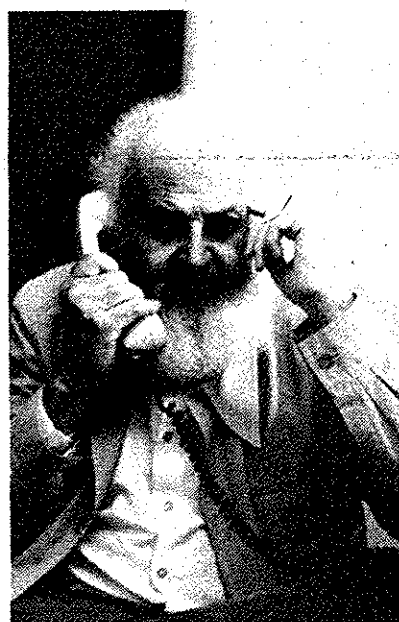
Ele faz questão de afirmar que as famílias que ocuparam os dois alqueires da Mitra Arquidiocesana são "invasoras" e não contam com o apoio da Igreja em sua ação. "Eles romperam a cerca existente no local sem conversar com ninguém da Igreja — reclama o padre Vítor — e essa falta de diálogo antes do ato ressalta o caráter de invasão."

O padre disse que até agora ainda não houve nenhuma grande consequência da invasão porque ele não chamou a Polícia. "Eles se aproveitaram dessa atitude pacifista e de diálogo por parte da Arquidiocese — diz ele —, mas a Igreja usará os direitos que a lei lhe faculta para solucionar o caso."

### NÃO HÁ GARANTIAS

Indagado se as leis do Direito Brasileiro estariam concernentes com as leis de Deus, o padre Vítor ressaltou que "apesar de sua missão social a Igreja não pode dar lotes a todas as pessoas que invadam suas terras, porque senão isso geraria grande desordem". Acrescentou que a Igreja até chegou a pensar em transformar a área em loteamento especial, para garantir — em regime de comodato — moradia a famílias desabrigadas. "Mas, devido à Lei de Proteção aos Mananciais — disse ele —, no local só podem ser instaladas chácaras, e a Igreja tem que respeitar a lei."

O padre ressaltou também que "a Igreja propôs aos invasores efetuar uma troca por outra área, que seria fornecida através



O padre Vítor Ribeiro

dos poderes públicos. Permutaríamos esta gleba por outra equivalente. Mas não podemos fazer isso enquanto continuar a invasão, pois afinal, quem vai querer fazer negócio com uma área invadida?" perguntou.

Reafirmando que os ocupantes estão agindo "à revelia da Igreja", o padre disse que é bom que a população tenha muito claro que a Igreja "não está vendendo, doando ou loteando suas terras". E apelou para que o Governo controle melhor o desemprego no País, "pois é essa situação problemática do trabalhador que acaba provocando situações como essa", concluiu.

**CEDI**  
**Povos Indígenas no Brasil**  
Fonte: *Folha de São Paulo*  
Data: *04/04/83*  
Pg: \_\_\_\_\_  
Class: \_\_\_\_\_